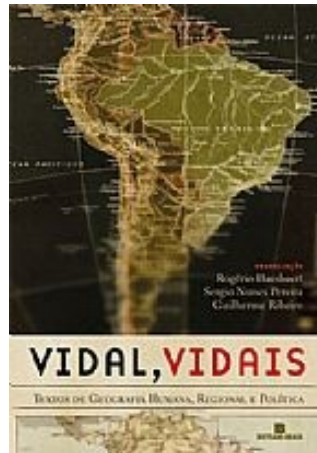


A GEOGRAFIA DE PAUL VIDAL DE LA BLACHE:

Releituras da História do Pensamento Geográfico

André Fialho Abrantes Pinheiro^{*}

Lara D'Assunção dos Santos^{**}



Resenha do livro *Vidal, Vidaís. Textos de geografia humana, regional e política*. Organização de Rogério Haesbaert, Sérgio Nunes Pereira e Guilherme Ribeiro. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012. 464p.

A construção de uma ciência ocorre através de um viés complexo de amadurecimento e das interpretações advindas de uma gama de pesquisas. Assim, o processo de edificação do conhecimento passa, necessariamente, pelo resgate crítico daquelas obras tidas como “clássicas”. Elas não devem ser esquecidas, uma vez que são fontes indispensáveis para o entendimento do presente.

Como pondera Guilherme Ribeiro, a impressão que se tem é que os geógrafos não valorizam suas obras e seus autores considerados clássicos (RIBEIRO, 2012). Neste contexto, o livro *Vidal, Vidaís. Textos de geografia humana, regional e política*,

^{*} Formando em Geografia pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Bolsista de Iniciação Científica pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ). Esta resenha foi escrita no âmbito de nossas atividades como bolsista.

^{**} Formanda em Geografia pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Monitora das disciplinas Geografia Econômica e Formação Sócio-Espacial Brasileira. Integrante do Núcleo de Pesquisas Espaço e Economia (NuPEE-UERJ/UFRRJ).

organizado, traduzido e comentado pelos geógrafos brasileiros Rogério Haesbaert (UFF), Sergio Nunes Pereira (UFF) e Guilherme Ribeiro (UFRRJ), com prefácio do geógrafo francês Paul Claval (Paris-Sorbonne), deseja apresentar ao público de língua portuguesa alguns dos principais textos produzidos por Paul Vidal de la Blache (1845-1918) que, até o momento, só estavam disponíveis em francês. O intuito maior é resgatar a diversidade de seu pensamento, ensaiando provocar novas interpretações a seu respeito. Consagrado como um dos principais responsáveis pela constituição do campo da Geografia Humana, no entanto, ao longo do século XX sua credibilidade foi sendo posta em xeque, e suas análises ao redor da geopolítica, da economia e da modernização em um novo contexto internacional após a Primeira Guerra Mundial — representando suas múltiplas facetas, conforme sugere o “Vidais” do título — foi simplesmente ignorada.

O livro é dividido em três partes. A primeira, *Geografia Humana*, precedida do texto de apreciação crítica *Geografia Humana: fundamentos epistemológicos de uma ciência* assinado por Guilherme Ribeiro (RIBEIRO, 2012), contém os seguintes artigos:

1. Prefácio ao *Atlas Geral Vidal-Lablache. Geografia e História* (1894);
2. O princípio da geografia geral (1896);
3. Aula inaugural do curso de geografia (1899);
4. As condições geográficas dos fatos sociais (1902);
5. A geografia humana: suas relações com a geografia da vida (1903);
6. Da interpretação geográfica das paisagens (1908);
7. Os gêneros de vida na geografia humana (1911);
8. Os gêneros de vida na geografia humana (1911).

Sem dúvida, estamos diante de um eixo que foi muito bem explorado e que constituiu uma das mais importantes vias de investigação de Vidal: o estudo das relações entre o homem e o meio. Com uma perspectiva ampla acerca da Terra como unidade de referência, ele explora escalas locais, regionais e globais, tendo em mente a dimensão

integradora necessária para o entendimento dos fenômenos geográficos. Se o globo possui diferentes áreas, de forma direta ou indireta elas estão interligadas.

Ciente de que para entender a ação humana junto à natureza a interdisciplinaridade era essencial, Vidal de la Blache parece estar à frente de seu tempo e dialoga a todo instante com a Geologia, a Sociologia e a História — ela era historiador de formação, o que se explica pela inexistência do curso de graduação em geografia antes de 1870 —, embora tenha sempre em mente os elementos propriamente geográficos da natureza e da sociedade.

Vidal de la Blache percebeu bem que a intervenção humana deixava suas marcas no meio: eis um dos aspectos fundamentais da Geografia Humana, que “merece esse nome porque estuda a fisionomia terrestre modificada pelo homem; nisso ela é

“Os artigos mencionados expressam quão atual é a obra de Paul Vidal de la Blache. Sua abordagem regional está associada às questões de âmbito nacional e à dinâmica econômica do continente europeu”

geografia” (VIDAL DE LA BLACHE, 2012:104 [1903]). O objetivo deste novo ramo seria estudar “as condições que presidiram a distribuição da espécie humana, a composição dos principais grupos e sua adaptação aos diferentes ambientes” (idem, p.101).

Ele também analisou como as sociedades tiraram proveito da natureza. Com séculos de

experiência local, elas deixaram marcas explícitas na *paisagem* — conceito-chave de sua reflexão e trabalhado de modo bastante rico do ponto de vista histórico, tal como observamos no texto *Da interpretação geográfica das paisagens* (1908) — que, por sua vez, foram sendo moldadas por ferramentas peculiares. Estamos a falar das *técnicas*. Cada grupo social forjou as suas através dos recursos disponíveis em seu próprio meio ambiente. Trata-se de uma complexa relação dos saberes humanos — como forma de adaptação e de sobrevivência — com a natureza. Nesse contexto, em dois artigos publicados em 1911, *Os gêneros de vida na geografia humana*, Vidal de la Blache estabelece as bases para o conceito de *gêneros de vida*, que pode ser entendido como uma articulação entre grupos sociais, meio ambiente e técnica criando diferentes paisagens regionais. É o que podemos perceber da vida cotidiana de

caçadores, pastores, agricultores e pescadores em um mundo ainda dominado pelo campo. Tal conceito revela as influências de Lamarck e de Darwin no pensamento de Vidal, além de fornecer uma espécie de perspectiva geo-histórica global acerca da vida humana na Terra.

Do ponto de vista dos alicerces epistemológicos da geografia, cumpre destacar também o *Prefácio* ao Atlas Geral (1894), *O princípio da geografia geral* (1896) e *Aula inaugural do curso de geografia* (1899). Neles, percebemos a importância da noção de unidade terrestre, bem como a necessidade de uma perspectiva espacial que articule as diferentes escalas analíticas. Por sua vez, o artigo *As condições geográficas dos fatos sociais* (1902) trata do diálogo da geografia com a sociologia, ecoando os debates com Émile Durkheim e a Morfologia Social.

Antecedida pela apresentação *Vidal e a multiplicidade de abordagens regionais*, de Rogério Haesbaert (HAESBAERT, 2012), a segunda parte do livro, *Geografia Regional*, é composta pelos seguintes textos:

1. As divisões fundamentais do território francês (partes I, II e IV) (1888) ;
2. Estradas e caminhos da antiga França (1902);
3. Os *pays* da França (1904);
4. As regiões francesas (1910);
5. A relatividade das divisões regionais (1911);
6. Evolução da população na Alsácia-Lorena e nos departamentos limítrofes (1916);
7. A renovação da vida regional (1917).

À luz da história do pensamento geográfico tal como ela é divulgada no Brasil, consagrou-se a imagem de Vidal de la Blache enquanto um geógrafo exclusivamente regional. Quem nunca ouviu falar da “região lablacheana”, tida como um verdadeiro obstáculo para a análise de outras escalas espaciais? Em seu livro mais famoso, *A geografia — isso serve, antes de mais nada, para fazer a guerra* (LACOSTE, 1988

[1976]), o geógrafo francês Yves Lacoste caricaturou o pensamento vidaliano e, infelizmente, suas idéias foram reproduzidas inúmeras vezes entre nós.

Com a tradução de *As regiões francesas* (1910), *A relatividade das divisões regionais* (1911) e *A renovação da vida regional* (1917) — não podemos deixar de mencionar a percepção dos organizadores ao dispor os textos em ordem cronológica, o que facilita a compreensão e prende a atenção do leitor, priorizando as metamorfoses do conceito de região —, espera-se que a comunidade geográfica brasileira reverta tal quadro. Os artigos mencionados expressam quão atual é a obra de Paul Vidal de la Blache. Sua abordagem regional está associada às questões de âmbito nacional e à dinâmica econômica do continente europeu. São *interligações, influências, circulações*, que modificam a dinâmica sócio-espacial como um todo e, conseqüentemente, afetam em cheio a constituição das regiões.

Assim, acompanhando a trajetória das reflexões do próprio autor, a região adquire novas formas e novos significados. Podemos observar um movimento que vai dos *pays* às nodalidades, ou seja, do impacto da base geológica-geomorfológica na estruturação dos povoados rurais franceses à polarização causada pela dinâmica urbana-industrial moderna. Segundo Paul Claval, a viagem de Vidal de la Blache aos Estados Unidos em 1904 merece relevo, pois este último passa a observar que a vida econômica, atrelada ao desenvolvimento dos meios de transporte, em muito influenciava a organização moderna da região (CLAVAL *apud* RIBEIRO, 2012a).

Dito isso, em *A renovação da vida regional* Vidal de la Blache aponta a evolução dos meios de transporte e as enormes mudanças provocadas. Por intermédio da malha ferroviária, as sociedades adquiriram mobilidade suficiente para integrar cada vez mais as regiões, possibilitando o surgimento de estradas, a expansão dos mercados e, através da divisão do trabalho, da própria cidade. Desta forma, as feições das vilas tradicionais foram se dissolvendo para dar lugar às novas dinâmicas econômicas. Este quadro de desenvolvimento levou à migração interna em direção aos centros industriais regionais e à Paris, bem como à cooperação entre as cidades como sendo o principal impulso para o desenvolvimento de determinadas regiões. Nesta conjuntura, os *pays* são abordados como primordiais, consistindo em “pequenas peças de mosaico

que se encaixam nos compartimentos principais” (VIDAL DE LA BLACHE, 2012:279 [1911]. Ver também VIDAL DE LA BLACHE, 2012 [1916]).

Vidal de la Blache fala de uma nova escalaridade, uma nova percepção do espaço a partir da proliferação das ferrovias. A contemporaneidade de Vidal é evidente quando observa a fundo os fenômenos trazidos pelo recém-chegado século XX. Ele percebeu o desenvolvimento industrial e a significativa migração para as áreas de Paris, enquanto o interior da França ainda vivia uma realidade camponesa. As pequenas vilas por onde as estradas de ferro não passavam tornaram-se desvalorizadas. Em *A relatividade das divisões regionais*, ele trata das formas recessivas e progressivas do território e da interessante coexistência de diferentes gêneros de vida (VIDAL DE LA BLACHE, 2012 [1911]). Apregoando a necessidade de modernização do território francês em *A renovação da vida regional*, ele discute a posição que o Estado deveria assumir diante desta realidade. Em um trecho que guarda enorme semelhança com nossos dias, lemos o seguinte:

“(...) pela crescente complexidade das demandas da organização industrial e comercial, o que emerge cada vez mais é que o Estado não está em posição de conduzir a bom termo — até o necessário grau de detalhe, nem com a rapidez de execução que se impõe — os empreendimentos para os quais ele deu a impulsão geral. Ele encontra dois obstáculos principais: a rigidez administrativa que vem dos gabinetes e o provincianismo que vem de outros lugares” (VIDAL DE LA BLACHE, 2012:324 [1917]).

Após essas leituras, uma suposta ingenuidade da “região lablacheana” e sua dimensão exclusivamente naturalista caem por terra. Seus estudos vão muito além da análise física da região e estão inseridos em um amplo contexto econômico e político.

A terceira e última parte do livro, acompanhada do texto *Estados, nações e colonialismo: traços da geografia política vidaliana*, de Sergio Nunes Pereira (NUNES PEREIRA, 2012), é dedicada à *Geografia Política* e comporta os artigos a seguir:

1. Estados e nações da Europa em torno da França (extratos) (1889);
2. A zona fronteira entre a Argélia e o Marrocos conforme novos documentos (1897);
3. A geografia política. A propósito dos escritos de Friedrich Ratzel (1898);

4. O contestado franco-brasileiro (1901);
5. A missão militar francesa no Peru (1906);
6. A Colúmbia Britânica (1908);
7. A carta internacional do mundo ao milionésimo (1910);
8. A conquista do Saara (1911);
9. Sobre o princípio de agrupamento na Europa Ocidental (1917).

Embora os estudos sobre geopolítica, território e fronteira terem atravessado toda a obra de Vidal de la Blache, eis um eixo que somente a partir dos anos 1990 passou a ser explorado a contento pelos pesquisadores da história do pensamento geográfico. Os textos que norteiam sua dimensão política, com destaque para as resenhas, mostram seus interesses de leitura, seu engajamento junto ao colonialismo e sua atenção para com o contexto econômico internacional. Nunes Pereira destaca a geografia política vidaliana como “reflexão acadêmica sobre ações estratégicas e de controle do território desenvolvidas por Estados em nível nacional, continental ou, quando europeus, com relação a domínios de ultramar” (NUNES PEREIRA, 2012:338), acrescentando que “Vidal realizou leitura da situação européia e da influência francesa no mundo que constitui um importante registro de sua época, num contexto de redefinição do papel das principais potências no cenário global” (idem, pp.338-339).

Vidal de la Blache chegou a assumir posições oficiais de representação em nome do governo francês, tal como revelam *O contestado franco-brasileiro* e *A carta internacional do mundo ao milionésimo*. No primeiro, foi responsável pelo documento de defesa dos interesses de seu país no tocante ao litígio fronteiriço com o Brasil a respeito das Guianas, enquanto no segundo atuou como geógrafo representante do Ministro da Instrução Pública. Ambos os casos mostram as intervenções de Vidal de la Blache no campo da geopolítica — a despeito desta expressão ter sido rejeitada pela Escola Francesa de Geografia.

Uma passagem sobre a confecção do referido mapa resume, ao mesmo tempo, o espírito da época e as preocupações vidalianas:

“(...) pela força das circunstâncias, o fato de que regiões que de nós dependem duplamente — pela política e pela ciência — fossem cartografadas sob selo estrangeiro, aos cuidados de outrem, poderia, em certas circunstâncias, causar inconvenientes. É preciso ter em mente que uma obra tão longamente elaborada e já transformada em objeto de emulação internacional será um documento ao qual sua origem e seus progressos não tardarão a conferir um caráter de autoridade quase oficial. Mesmo sendo sobretudo físico, tudo leva a crer que o mapa em questão será invocado nas negociações diplomáticas, nas quais pode ocorrer que um dado lineamento hidrográfico ou orográfico sirva de base para importantes decisões” (VIDAL DE LA BLACHE, 2012:324 [1910]).

Cumprir separar ainda a relação de respeito e de aproximação mantida para com Friedrich Ratzel, pois, em *A geografia política. A propósito dos escritos do sr. Friedrich Ratzel*, suas divergências em relação ao alemão são abordadas com sutileza ; a atenção dada às colônias africanas e aos desdobramentos resultantes da questão em *A zona fronteira entre a Argélia e o Marrocos conforme novos documentos* e *A conquista do Saara*; e a percepção de que algo precisava mudar no cenário geopolítico internacional em *Sobre o princípio de agrupamento na Europa Ocidental*, um dos capítulos do célebre livro *La France de l'Est (Lorraine-Alsace)* (VIDAL DE LA BLACHE, 1994 [1917]). Enfim, as novas gerações devem muito a Vidal de la Blache, cuja contribuição epistemológica, regional e política à geografia foi realmente notável — e permanece, em muitos aspectos, mais atual que se imagina.

Referências bibliográficas

- HAESBAERT, Rogério, NUNES PEREIRA, Sergio, RIBEIRO, Guilherme (orgs.). *Vidal, Vidais. Textos de geografia humana, regional e política*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil (2012).
- HAESBAERT, Rogério. *Vidal e a multiplicidade de abordagens regionais*. In: HAESBAERT, Rogério, NUNES PEREIRA, Sergio, RIBEIRO, Guilherme (orgs.). *Vidal, Vidais. Textos de geografia humana, regional e política*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil (2012).
- LACOSTE, Yves. *A geografia — isso serve, antes de mais nada, para fazer a guerra*. Campinas: Papirus (1988 [1976]).
- NUNES PEREIRA, Sergio. *Estados, nações e colonialismo: traços da geografia política vidaliana*. In: HAESBAERT, Rogério, NUNES PEREIRA, Sergio, RIBEIRO, Guilherme (orgs.). *Vidal, Vidais. Textos de geografia humana, regional e política*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil (2012).

RIBEIRO, Guilherme. *Geografia Humana: fundamentos epistemológicos de uma ciência*. In: HAESBAERT, Rogério, NUNES PEREIRA, Sergio, RIBEIRO, Guilherme (orgs.). *Vidal, Vidais. Textos de geografia humana, regional e política*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil (2012).

_____. Babel insaciável. Modernidade e urbanização nos Estados Unidos conforme Paul Vidal de La Blache. *Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais*, v.14, n.1 (2012).

_____. Interrogando a ciência: a concepção vidaliana da geografia. *Confins*, n. 8 (2010).

VIDAL DE LA BLACHE, Paul. *La France de l'Est (Lorraine-Alsace)*. Paris: Armand Colin (1994 [1917]).